



Alternativas para o manejo de algodão voluntário tolerante ao dicamba e glufosinato de amônio

Gilmar José Picoli Junior¹; Ramiro F. Lopez-Ovejero¹

Monsanto do Brasil¹

Com a introdução de novas tecnologias no mercado, torna-se importante entender quais ajustes são necessários em relação aos diferentes manejos e se isso impactará nas recomendações utilizadas corriqueiramente pelo agricultor, sendo que, dentre esses manejos, tem-se o de plantas voluntárias. Com isso, o objetivo deste estudo foi avaliar se o manejo do algodão tolerante ao dicamba e glufosinato de amônio é similar a uma referência comercial. O experimento foi conduzido em casa-de-vegetação durante as safras 2015/2016 e 2016/2017 utilizando duas variedades de algodão, uma tolerante ao glifosato (tecnologia Flex) e outra com tolerância ao dicamba e glufosinato de amônio. Foram aplicadas doses crescentes de 2,4-D: 0; 335; 502; 670; 838 e 1005 g e. a. ha⁻¹ além de 200 g i. a. ha⁻¹ de paraquat e 1500 g i. a. ha⁻¹ de flumiclorac em dois estádios de desenvolvimento (V2 e V4). O delineamento experimental foi inteiramente casualizado com 4 repetições. Foram realizadas avaliações de controle (%) aos 7, 14 e 28 dias após a aplicação. O 2,4-D a 670 g e. a. ha⁻¹ e paraquat foram efetivos nas duas variedades nos dois momentos de aplicação estudados. O flumiclorac proporcionou uma rápida necrose nos dois materiais, porém observou-se rebrotas nos dois momentos de aplicação. Pode-se concluir que as alternativas utilizadas atualmente para o manejo do algodão voluntário tolerante ao glifosato serão as mesmas para o manejo do algodão tolerante ao dicamba e ao glufosinato de amônio.

Palavras-chave: Algodão tiguera, tolerância, controle.



Sociedade Brasileira da
Ciência das Plantas Daninhas
(Brazilian Weed Science Society)